

INCLUSÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: DAS PERCEPÇÕES DOCENTES AOS DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Sirlei Ferreira da Silva Goularte
Mestranda do PPGEEDUC-Ufes
sfgoularte@gmail.com

Agda Felipe Silva Gonçalves
Prof.^a Dr.^a do PPGEEDUC-Ufes
agdavix@msn.com

Eixo temático: Propostas Curriculares e Práticas Pedagógicas
Pôster de Pesquisa

Resumo: Este texto é parte da dissertação, em fase final, no curso de mestrado em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores da Universidade Federal do Espírito Santo-Ufes. Objetivou analisar como a prática docente dos professores da Educação Profissional contribui para o processo de inclusão escolar de alunos com deficiência, nos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio em uma Instituição Pública da Rede Federal do Espírito Santo. Fundamenta-se na abordagem qualitativa e na metodologia de estudo do tipo etnográfico. Os dados foram obtidos a partir da técnica de grupo focal e analisados por meio da análise de conteúdo, com enfoque na perspectiva histórico-cultural, das contribuições teóricas de Vigotski. Para esta escritura tomamos como ponto de análise as percepções dos professores da/na educação profissional técnica de nível médio acerca do processo de inclusão escolar, as quais indicaram os desafios e possibilidades desse processo, pela ótica docente, dentre os quais destacamos como desafios centrais: a falta de formação adequada para os professores do ensino regular e a falta de professores especializados para o atendimento adequado. Entre os pontos principais evidenciados como possibilidades, temos: a democratização da educação e da sociedade, a ampliação das técnicas e metodologias concernente ao ensino e o respeito às diferenças. Considerando as falas dos professores, foi possível perceber que o processo de inclusão de alunos com deficiência na escola comum – Educação profissional – representa um avanço e uma necessidade, possibilitando (re)pensar a escola, suas práticas organizativas e pedagógicas instituídas para que todos os estudantes tenham êxito em sua trajetória acadêmica.

Palavras-chave: Inclusão Escolar, Educação Profissional, Percepções Docentes.

Introdução

Este artigo foi escrito a partir da pesquisa de mestrado, em fase final, intitulada “Inclusão e a prática docente na educação profissional” no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores da Ufes. Teve por objetivo analisar a contribuição da prática docente dos professores da Educação Profissional Tecnológica (EPT) no processo de inclusão escolar de alunos com deficiência, nos Cursos Técnicos Integrados. A necessidade de analisar a contribuição da prática docente nesse processo foi em função do ingresso de dois alunos (cego e surdo), no contexto educativo em tela. Os desafios/possibilidades no processo inclusivo destes nos direcionaram a desenvolver pesquisa sobre o tema, sendo fundamentada na teoria histórico-cultural, a partir das contribuições de Vigotski (2008, 2010), bem como de estudiosos dessa matriz, como Ferreira, M. e Ferreira, J. (2013), Gonçalves (2008, 2010), Padilha (2017, 2013), Rego (2014), dentre outros. Na crença em uma EPT pautada no princípio da educabilidade, questionávamos como a prática docente dos professores da EPT pode contribuir para o processo de inclusão escolar? Qual a percepção dos professores sobre esse processo? Assim, no entendimento de que “Tudo o que envolve o homem é humano, é social, é cultural, com limites desconhecidos” (PADILHA, 2007, p. 4), debruçamo-nos ao objeto de investigação.

O estudo foi realizado no Ifes-campus Venda Nova do Imigrante (VNI)/ES. Teve como sujeito, docentes que trabalharam com alunos com deficiência. Os dados foram coletados em 2017, via grupo focal e estudo do tipo etnográfico, adotando uma perspectiva que concebe o homem como um ser histórico e a educação como uma prática humana “viva”, pois, “Na educação [...] não existe nada de passivo [...]. Até as coisas mortas, quando se incorporam ao círculo da educação, quando se lhes atribui papel educativo, adquirem caráter ativo e se tornam participantes ativos desse processo” (VIGOTSKI, 2010, p. 70). Para interpretação lançamos mão da análise de conteúdo. Assim, temos por intenção apresentar as percepções docentes sobre esse processo.

Inclusão escolar na educação profissional: desafios e possibilidades

Trazemos para este texto alguns fragmentos dos dados coletados no 2º encontro de grupo focal sobre a seguinte questão reflexiva: Quais são os pontos positivos/negativos no processo de inclusão, observados pelos docentes. Os professores apontam os desafios/possibilidades no processo inclusivo, a partir das reflexões sobre suas experiências. Começamos nossa análise focalizando alguns dos pontos positivos, transcritos a seguir:

- “[...] o respeito às diferenças, ensinando que todos somos iguais e diferentes” (**Professora Laura**).
- “[...] representa um grande avanço na educação e na sociedade, porque aponta para o caminho de uma sociedade mais democrática” (**Professor Miguel**).
- “[...] ampliação dos conhecimentos, das técnicas e da abordagem a serem dispensadas ao portador de deficiência” (**Professor Paulo**).

Os pontos positivos destacados direcionam nosso olhar para a relevância da convivência com a diversidade e para as interações que ocorrem nos espaços escolares, no entendimento de que “A escola vem sendo compreendida como lugar privilegiado de socialização de saberes. Local onde se ampliam as relações humanas, principalmente, por meio da apropriação [...]” (PANTALEÃO, 2010, p. 52) do conhecimento e das interações entre os sujeitos que convivem nesse espaço. Assim, Ferreira, M. e Ferreira, J. (2013, p. 39) nos alerta que “[...] deve ser reconhecida a importância dos espaços de interação que o sistema educacional pode promover de forma sistemática na apropriação do conhecimento escolar e no desenvolvimento pessoal” de cada aluno.

Dentro dessa ótica, Pantaleão (2010, p. 55) discorre que “[...] a constituição do ‘Eu’ não é natural, mas cultural, pois toma sua forma e se constrói nas relações com os ‘outros’”. Considerando a importância das interações sociais, da convivência na diversidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento de alunos com deficiência na escola, refletimos sobre uma questão que nos parece pertinente em todo o processo inclusivo: ressignificar a concepção que se tem

sobre a deficiência. A deficiência não é uma insuficiência, mas uma forma peculiar de organização das funções superiores (PADILHA, 2007).

Nesse sentido, “[...] a deficiência deixa de ser apresentada como tendo um quadro estável, uma vez que os processos educativos podem intervir fortemente nos processos de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos” (FERREIRA, M.; FERREIRA, J., 2013, p. 40). Esse entendimento se faz importante no processo de inclusão, pois permite delinear possibilidades para que a escola/professores da EPT consiga promover uma educação inclusiva. Sendo assim, a EPT necessita ser fundamentada em princípios mais humanizados que potencializem o aprendizado e desenvolvimento no contexto da diversidade humana:

Por algum tempo as escolas favoreceram o sistema ‘complexo’ de aprendizado que, segundo se acreditava, estaria adaptado às formas de pensamento da criança. Na medida em que oferecia à criança problemas que ela conseguia resolver sozinha, esse método foi incapaz de utilizar a zona de desenvolvimento proximal e de dirigir a criança para aquilo que ela ainda não era capaz de fazer. O aprendizado voltava-se para as deficiências da criança, ao invés de se voltar para os seus pontos fortes [...] (VIGOTSKI, 2008, p. 130).

Quanto aos desafios sinalizados pelos docentes, temos: a questão da formação do professor, como o mais desafiador para se efetivar a inclusão na EPT, e a falta de uma política de inclusão, apresentados por meio de alguns fragmentos, abaixo:

- “[...] a falta de formação na área dos professores que ficam ‘desesperados’ por não saberem como proceder” (**Professora Alice**).
- “[...] a falta de profissionais com conhecimento específico sobre determinadas demandas inclusivas, a dificuldade ou impossibilidade de se contratar profissionais para auxiliar nos processos inclusivos [...] a falta de uma política completa de inclusão [...]” (**Professor Marcos**).
- “[...] falta de capacitação e o preparo dos profissionais da área de educação [...]” (**Professora Amanda**).

A falta de formação adequada, indicada pela maioria dos docentes, configura um desafio em frente à necessidade de tornar a escola um lugar de aprendizagem para todos. Considerando os desafios para a efetivação da inclusão, os

professores da EPT explicitam como uma formação continuada, envolvendo a temática, se faz necessária nesse contexto de educação. Refletindo sobre uma formação continuada de professores voltada a uma EPT inclusiva, compartilhamos do pensamento de Oliveira (2016, p. 106):

Ao tratarmos da importância da formação para o professor, é necessário levar em consideração o que eles querem saber e quais são suas pretensões. A formação deve ser cuidadosamente organizada, uma ação que demanda organizar a estrutura do curso, a temática a ser trabalhada, a metodologia utilizada [...]. Enfim, considerar o que é significativo para o grupo [...].

Nessa perspectiva, uma formação adequada pode instrumentalizar os docentes a buscar alternativas possíveis aos desafios que se fazem presentes no processo inclusivo. A formação continuada pode fomentar uma reflexão crítica sobre a práxis. A necessidade de pensar criticamente a prática é reforçada por Freire (2013, p. 40): “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje [...] que se pode melhorar a próxima prática”. Mas, para que o professor possa pensar criticamente sua prática, é preciso que ele seja escutado e valorizado para que possa exercer sua função. “Os professores têm ideias, hipóteses, princípios explicativos e conhecimentos [...]” (REGO, 2014, p. 117), construídos com base em suas experiências de vida e em seu percurso formativo e profissional. Se ouvidos, podem contribuir para a transformação das práticas instituídas na escola. Rego (2014, p. 117) ainda ressalta:

Para que se possa ajudá-los na construção de novos conhecimentos [...] é preciso partir daquilo que ele sabe. Nesse sentido, entendemos que o pensamento de Vygotsky também inspira reflexões no que se refere à questão da formação dos professores.

Outro aspecto, destacado na fala do professor Marcos: “**[...] a falta de profissionais com conhecimento específico sobre determinadas demandas inclusivas, a dificuldade ou impossibilidade de se contratar profissionais para auxiliar nos processos inclusivos [...], a falta de uma política completa de inclusão [...]**” remetem à questão das políticas educacionais de inclusão, indicando a necessidade de políticas públicas mais vigorosas para EPT numa perspectiva de EPT inclusiva. Esse aspecto, destacado pelo docente relaciona, principalmente, a questão da dificuldade para a contratação de profissionais

especializados na área de educação especial, implicando grande desafio para que a escola/profissionais possa fazer bem o seu trabalho no processo inclusivo na referida Rede.

Os processos de contratação de serviços especializados para o atendimento aos alunos com deficiência, na esfera federal, costumam ser morosos e burocráticos. No contexto da EPT, a partir de nossa vivência como servidora na Rede, tomando como referência o campus VNI, o aluno com deficiência ingressa na instituição e somente a partir de sua entrada é que é realizada a contratação de profissionais especializados para um atendimento adequado a sua necessidade. O desafio apontado revela a urgência de maior investimento, não apenas financeiro, por parte do Governo Federal, concernente a uma política de inclusão na EPT. Essa questão tem se apresentado desfavorecedora à inclusão nessa modalidade. Nesse sentido, Mendes, Vilaronga e Zerbato (2014, p. 31) indicam que um dos “Um dos entraves para a efetivação da política de inclusão escolar dos alunos [...] da Educação Especial tem sido o baixo investimento em contratação de profissionais especializados [...]”.

Considerações finais

As reflexões dos professores sobre a inclusão, a partir de suas percepções sobre os desafios/possibilidades desse processo, revelam questões que são caras para a efetivação de uma educação de fato democratizada. Essas questões precisam ser assumidas pela via do fortalecimento das políticas educacionais para a continuidade da implementação da EPT inclusiva. Destarte, podemos dizer que há um processo de inclusão ocorrendo nos *campi* do Ifes e nos Institutos Federais de modo geral, pela efetivação das matrículas dos alunos com deficiência, o que tem movimentado as ações em prol da prática inclusiva.

Referências

FERREIRA, M.C. C.; FERREIRA, J. R. Sobre inclusão, políticas públicas e práticas pedagógicas. In: GÓES, M. C. R.; LAPLANE, A. L. F. (Org.). **Políticas**

e práticas de educação inclusiva. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GONÇALVES, A. F.S. **Inclusão escolar, mediação, aprendizagem e desenvolvimento na perspectiva histórico-cultural**. Vitória, ES: GM, 2008.

_____. **Percursos investigativos dentro do processo de inclusão escolar no estado do Espírito Santo**. 2010. 128 f. Relatório (Pós-Doutorado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

MENDES, E. G.; VILARONGA, C. A. R.; ZERBATO, A. P. **Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar**: unindo esforços entre educação comum e especial. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

OLIVEIRA, E. C. S. **Saberes e práticas no processo de inclusão escolar no município de Teixeira de Freitas – Bahia**. 2016, 119 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Centro Universitário Norte do Espírito Santo, Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, ES, 2016.

PADILHA, A. M. L. **Práticas pedagógicas na educação especial**: a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

_____. O que fazer para não excluir: Davi, Hilda, Diogo. *In*: GÓES, M. C. R.; LAPLANE, A. L. F. (Org.). **Políticas e práticas de educação inclusiva**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

PANTALEÃO, E. Dilemas no cotidiano escolar: implicações nos processos de inclusão, formação continuada e constituição profissional. *In*: JESUS, D. M.; SÁ, M, G. C. S. (Org.). **Políticas, práticas pedagógicas e formação**: dispositivos para escolarização de alunos(as) com deficiência. Vitória, ES: Edufes, 2010.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Psicologia pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.